

## Temporalidade e História

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006. 366p.

Deborah Cristine Silva Gomes<sup>1</sup>

Para Koselleck, a datação dos acontecimentos do passado feita a partir de uma concepção físico-matemática do tempo, ou seja, de uma cronologia baseada no movimento dos astros, é fundamental para a narração e organização dos fatos históricos, no entanto, incapaz de sozinha dar sentido ao chamado tempo histórico. Essa difícil tarefa, porém de extrema relevância para o trabalho do historiador, é realizada de maneira competente e abrangente nos ensaios reunidos em *Futuro Passado*.

Reinhart Koselleck (1923–2006) é considerado por muitos, um dos mais eruditos historiadores contemporâneos. Lecionou nas universidades de Bochum, Heidelberg e Bielefeld, e ao longo de sua trajetória acadêmica, contribuiu de maneira significativa para estudos relacionados à teoria da história e principalmente para a vertente historiográfica denominada história dos conceitos, na qual figura como um de seus fundadores.

A coletânea de ensaios, de que se ocupará esta resenha, divide-se em três grandes seções: na primeira enfatiza-se as peculiaridades da experiência histórica moderna e o novo conceito de história que, a partir do século XVIII, se oporá a fórmula até então dominante – história mestra da vida; na segunda encontram-se ensaios teóricos que refletem sobre metodologia histórica e diferentes interpretações historiográficas, aqui são abordados temas como a especificidade do método na história dos conceitos, o lugar do acaso na historiografia, o problema da representação e estruturas temporais; por último, são considerados de maneira mais detida textos que trazem à superfície da linguagem a experiência temporal, as análises feitas englobam conceitos indicadores de mudança como progresso, revolução, modernidade, assim como o modo como estes complementam o próprio conceito de história. Contudo, as três partes em que se divide o livro não são fechadas em si mesmas, há um diálogo que é possibilitado pela recorrência de um tema que se dissemina por toda a obra – a singularidade do tempo histórico, o qual será investigado através da constituição lingüística das experiências temporais.

O tempo histórico embora esteja ligado ao tempo natural, não coincide com o mesmo – “quem busca encontrar o cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas

---

<sup>1</sup> Graduanda em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: deborahcsgomes@gmail.com.

no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido” (KOSELLECK, 2006:13). Atrelado ao âmbito político e social, esse tempo imanente à história aparece como fruto das experiências e expectativas de homens e instituições cujas ações engendram não um tempo único e universal como o proporcionado pela cronologia, mas diversos ritmos temporais que lhes são próprios.

Koselleck sugere-nos que para tematizar o tempo histórico é preciso lançar mão de uma abordagem teórica, pois as fontes históricas sozinhas mostram-se insuficientes para esclarecer a questão. Para tanto, ele criou as categorias espaço de experiência e horizonte de expectativa. Essas são ao mesmo tempo categorias formais que possibilitam a interpretação da história feita, ou seja, categorias analíticas definidas posteriormente pelo historiador, e determinações históricas que orientam e são orientadas por ações concretas.

Entende-se por espaço de experiência o passado tornado atual, na perspectiva de que no espaço do presente convivem simultaneamente diversos tempos anteriores preservados na memória e incorporados no cotidiano. Já o horizonte de expectativa é o que no presente é voltado para o futuro. São cálculos, esperanças e angústias voltadas para o que ainda não foi vivido, para as experiências que ainda não podem ser observadas. O tempo histórico seria então, fruto da tensão entre experiências e expectativas; tensão essa que pode ser analisada através da relação histórica entre passado e futuro.

É importante ressaltar que por não se referirem de maneira intrínseca a nenhum conteúdo histórico específico, essas categorias possuem um alto grau de generalidade. A diversidade de maneiras como se dá a relação entre espaço da experiência e horizonte de expectativa ao longo da história é o que, como ressaltou Paul Ricoeur, garante a universalidade dessas categorias fazendo com que possam ser aplicadas a qualquer período (RICOEUR, 1995:369).

Koselleck privilegia em sua análise o surgimento de uma nova concepção temporal verificada na modernidade ou, em suas palavras, o processo de *temporalização* da história ocorrido durante os tempos modernos – transformação que se fez notar principalmente durante os séculos que separam a Reforma Protestante da Revolução Francesa.

A história da Cristandade até o século XVI foi uma história da contínua espera pelo fim dos tempos. A ameaça de um Juízo Final munuiu os homens de uma mesma expectativa, funcionando não só como um fator de integração da Igreja, mas também como um fator de integração histórica – presente e passado pareciam unir-se na perspectiva de um mesmo horizonte. Antes do Último Dia, nada de radicalmente novo poderia acontecer. Desta forma, experiência e expectativa eram inseparáveis em um espaço histórico que por ser estruturalmente semelhante, era capaz de fornecer exemplos que promoveriam o aperfeiçoamento intelectual ou moral dos povos e seus governantes.

Com as disputas religiosas da Reforma, os pressupostos de unificação e harmonia em direção ao fim do mundo deixaram de dominar a consciência histórica ocidental, e as especulações sobre o Juízo Final perderam importância. Sem a presença constante das previsões apocalípticas, as expectativas deixaram de se estender para o além e a relação com porvir transformou-se gradativamente em prognósticos racionais. O futuro tornou-se o campo das probabilidades e o presente, espaço do cálculo e das ações políticas.

Enquanto foi manipulado pelo Estado absolutista, o horizonte de expectativa estava limitado por um número restrito de possibilidades atreladas às experiências políticas. Foi somente com o conceito de progresso, criado no final do século XVIII, que um novo horizonte pôde ser descortinado. Como uma espécie de mistura entre prognósticos racionais e previsões messiânicas, o conceito de progresso desvinculou radicalmente passado e futuro; colocado de outra forma, foi aberto um verdadeiro “fosso entre a experiência anterior e a expectativa do que há de vir” (KOSELLECK, 2006:294). Esse caráter de novidade foi fortemente acompanhado por uma visão otimista: o futuro não seria apenas novo – seria melhor. A nova percepção temporal que pôde ser então percebida é a de um tempo emancipado da cronologia; um tempo não mais vinculado apenas aos ciclos da natureza, mas que passa a caracterizar-se como uma força própria da história.

Koselleck aponta que essa nova forma de experimentar o tempo também pressupõe o surgimento de um novo conceito de história. Assim, ele considera que não houve apenas uma historicização do tempo, mas também uma temporalização da história. No capítulo dois, ele mostra como ocorreu, no espaço da língua e experiência alemãs, a transição no uso da palavra estrangeira *Historie*, que se referia principalmente a narrativa da história, para o termo *Geschichte* que passou a priorizar os acontecimentos em si. Com isso, Koselleck buscou recuperar a trajetória e o declínio do *topos* que prevaleceu até o final do século XVIII: *Historia Magistra Vitae*, ou história mestra da vida. A partir desse período, essa máxima teve seu sentido cada vez mais difuso ao ponto de se esvaziar dando lugar a um novo conceito de história, a saber, o da história em si, um singular coletivo dotado de uma dimensão temporal autêntica, diferentemente da história passada que se baseava em um espaço de experiência contínuo, suprimindo a individualidade dos diversos contextos históricos. A nova percepção é de que “cada época tem suas próprias condições e está em uma situação individual; as decisões devem e podem ser tomadas apenas na própria época, de acordo com ela” (HEGEL, 2004:50).

Nessa perspectiva o autor chama a nossa atenção para a importância da Revolução Francesa que, por se considerar emancipada de todos os modelos históricos, trouxe para o palco dos acontecimentos o conceito de história da escola alemã. O ineditismo do movimento revolucionário francês permitiu que a temporalização da história se

consolidasse, pois nada antes podia se comparar aos acontecimentos extraordinários que se seguiram a 1789; o coeficiente de mudança foi incluído nas expectativas dos agentes os quais passaram a acreditar no papel decisivo da sua ação para o curso da história.

Fica claro que ao longo deste livro, não apenas aqueles particularmente interessados em teoria da história, mas historiadores de todas as áreas preocupados com as especificidades da sua disciplina encontrarão uma ampla pesquisa sobre a consciência histórica ocidental, exposta com clareza e erudição por Reinhart Koselleck.

### **Referências Bibliográficas**

HEGEL, G.W.F. **A Razão na História: Uma Introdução Geral à Filosofia da História.** Tradução Beatriz Sidou. 2ª edição, São Paulo: Centauro, 2004. 130p.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa – Tomo III.** Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1995. 519p.

Recebido em 30/05/2009  
Aprovado em 29/06/2009